

Data 15/08/09

JUSCELINO KUBITSCHECK (1902/1976)



Tendo chegado ao poder em decorrência das eleições presidenciais de outubro de 1955, em meio à crise que se avolumava desde a volta de Vargas ao poder, entremeada de golpes e contra-golpes de Estado, Juscelino Kubitschek conseguiu interessar o país num grandioso projeto de modernização, através da implantação de grandes empresas industriais e da mudança da Capital. O slogan que pretendia refleti-lo dizia: “cinquenta anos em cinco”. Não tendo conseguido fazer o sucessor, nas eleições presidenciais de outubro de 1960, com a renúncia do vencedor dessas eleições (Jânio Quadros), reacende-se a crise pela incapacidade de João Goulart dar continuidade àquele projeto. O alcance mobilizador do ideal de Revolução Industrial seria demonstrado pelo fato dos governos militares o terem retomado, conseguindo mesmo certa popularidade --graças ao que passou a ser conhecido como “milagre econômico”--, em que pese o clima de repressão política vigente.

Enfrentando grandes dificuldades financeiras, conseguiu concluir o curso de medicina em 1927, aos 25 anos de idade, no estado natal, Minas Gerais. Desejoso de ser bem sucedido na profissão, logrou especializar-se na França. No período que de imediato se seguiu, tornou-se cirurgião de reconhecida competência. Faria, entre 1935 e 1937, uma incursão na política. Com o Estado Novo, retorna à profissão, precedendo esse retorno de cuidadoso empenho no sentido da plena recuperação da habilidade profissional. Entretanto, a política era o que na verdade o atraía. Quando se preparava para disputar uma cátedra na Faculdade de Medicina, recebe um convite para assumir a Prefeitura de Belo Horizonte, ligado que se achava ao grupo getulista no poder. Desde então abdica de vez de cultivar a notoriedade como médico. Iria disputa-la entre os políticos.

Ocupou o cargo de Prefeito da capital mineira de 1940 a 1945 tendo realizado uma administração excepcionalmente bem sucedida. No exercício da função introduziu algumas alterações que viriam a ser exaltadas. Entre estas, a de fiscalizar pessoalmente, todos os

dias, as obras que estivessem sendo realizadas e, a par disto, a organização dos chamados “comitês de bairro”, aos quais comparecia para ouvir aos concidadãos e discutir os projetos que lhes diziam respeito. Muito desse estilo viria a reproduzir mais tarde, quando da construção de Brasília. bem como o interesse demonstrado, desde aquela época, pela arquitetura moderna. Tornou-se emblemática a construção da Igreja da Pampulha, por dois intelectuais comunistas --o arquiteto Oscar Niemayer, que viria a ser o projetista de Brasília, e o pintor Cândido Portinari. Por sua feição inusitada viria a ser recusada pela Arquidiocese, Tornou-se entretanto uma das referências artísticas da localidade.

Com a redemocratização, forma desde logo na agremiação conservadora bafejada por Vargas, o Partido Social Democrático (PSD). Com o pleito eleitoral de dezembro de 1945, o PSD despontou como o maior partido nacional conquistando 26 cadeiras no Senado e 151 na Câmara dos Deputados, contra 10 senadores e 80 deputados do segundo colocado, a União Democrática Nacional (UDN). Kubitscheck elegeu-se deputado federal, com expressiva votação.

A Constituição de 1946 estabeleceu que as eleições para os governos estaduais deveriam ocorrer em janeiro de 1947. Em Minas Gerais o PSD achava-se fracionado em alas que se mostraram irreconciliáveis. Nessa ocasião, ocorreu movimento em prol da candidatura de Kubitscheck, que não prosperou, inclusive por não tê-lo estimulado. Dado o fracionamento da agremiação, a UDN conquistou o governo estadual (Milton Campos).

Nesse mesmo ano de 1947, Kubitscheck fez uma viagem de estudos aos Estados Unidos e Canadá. Conforme seu próprio depoimento, essa visita convenceu-o de que o Brasil tinha que trilhar o caminho da industrialização. Mais tarde, no programa que adotou para concorrer às eleições para o governo estadual (outubro, 1950) verifica-se ter compreendido que aquele objetivo compreendia, como etapa inicial, a ênfase na infra-estrutura, entendimento que o país como um todo somente iria adquirir em decorrência dos trabalhos da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, que tiveram início em julho de 1951 e duraram até dezembro de 1953.

As eleições para o governo estadual teriam lugar juntamente com a escolha do Presidente da República. Nesse pleito, embora o PSD tivesse candidato próprio para este último posto, setores importantes da agremiação votaram em Vargas. Kubitscheck conseguiu ser escolhido candidato ao governo estadual, embora a agremiação continuasse dividida (sua escolha pela Comissão Executiva estadual do PSD foi alcançada por treze votos contra dez). Contudo, apresentou-se com a bandeira de industrialização de Minas Gerais, alavancada pelo que transformou no slogan **Binômio energia e transportes**, síntese do programa de sua administração.

Além disto, conseguiu de Vargas que não interferisse na eleição estadual, com o que evitou a polarização em curso no plano nacional, prenúncio da monumental crise que se estabeleceu com o novo governo federal.

Elegendo-se governador de Minas Gerais em outubro de 1950, Kubitscheck alcançaria um posto apto a projetá-lo nacionalmente. O novo governo cumpriu à risca do programa do candidato. Construíram-se centrais elétricas de certo porte, distribuídas pelas principais regiões em que se subdividia o estado. A fim de atrair capitais privados para os empreendimentos, constituíram-se empresas de economia mista de caráter regional. Em 1951 organizou-se a **holding** que iria congregá-las, a Centrais Elétricas de Minas Gerais (CEMIG). Acabou obtendo o apoio do Banco Mundial (BIRD) e também do BNDE, organizado por indicação da mencionada Comissão mista Brasil-Estados Unidos.

Simultaneamente, atraiu o grupo siderúrgico alemão Mannesmann que implantou uma siderurgia nas proximidades da Capital, empreendimento que, por sua vez, daria origem a diversas empresas de menor porte. Implantou ainda uma rede integrada de rodovias e deu continuidade aos projetos em curso destinados a promover a modernização da agricultura. Nesse particular, daria importante passo à frente com a organização de empresa dedicada à produção de fertilizantes.

Em 1954, chega ao auge a crise desencadeada a partir da eleição de Vargas para a Presidência. Em agosto ocorre o atentado contra o líder da oposição, jornalista Carlos Lacerda. Segue-se a comprovação do envolvimento do pessoal da guarda pessoal do Presidente. As Forças Armadas mobilizam-se para obter a renúncia de Vargas. Sentindo-se isolado, o velho caudilho suicida-se.

Apesar da perplexidade que parece haver se apossado da elite dirigente, o país marcha para a eleição presidencial de outubro de 1955. Juscelino Kubitscheck é o nome que se impõe ao PSD. Tão logo isto se faz evidente, a oposição a Vargas que, na altura, detém o poder, tudo fará a fim de inviabilizá-la, inclusive tentando obter o veto militar. Desta vez configura-se uma clara divisão no próprio Exército. Oficiais de guarnições do Nordeste lançam manifesto em que aparece pela primeira vez menção direta aos "chefes militares ligados à UDN". Seria um primeiro sinal de que a ingerência militar na política fatalmente iria acabar por dividir as Forças Armadas em facções.

Formalizada a chapa Juscelino Kubitscheck (PSD)- João Goulart (PTB), são tomadas várias iniciativas para evitar que se tornasse vitoriosa e, nesse caso, predispô-la a impedimento legal. Até então a incumbência de preparar as cédulas de votação ficava a cargo das agremiações que tivessem candidatos registrados. Introduziu-se a cédula oficial, na qual constaria o nome de todos os candidatos registrados, cabendo ao eleitor nela assinalar em

quem votaria. Tratava-se certamente de medida moralizadora do processo. Mas assumiu essa feição devido à intervenção da Justiça Eleitoral. A intenção não era bem essa.

Seguiu-se a tentativa de aprovação de emenda constitucional com a exigência de maioria absoluta, rejeitada pelo Parlamento.

Nas eleições de outubro de 1955, a chapa PSD-PTB obteve 36% dos votos e a da oposição udenista 30%. Derrotada, esta tentou impugnar tais resultados nas instâncias judiciais competentes, sem êxito. Passa então a pregar abertamente o golpe militar que se configurou pela transferência de poder ao Presidente da Câmara, dado que o Presidente em exercício (Café Filho, vice da chapa que elegera Vargas) a tanto não se dispunha. A manobra consistia em demitir o Ministro da Guerra, o que de fato ocorreu. Houve entretanto uma reação da tropa, destituindo o Presidente em exercício. Ocorreu ainda uma tentativa de rebelião na Marinha, logo sufocada.

Em que pese o acirramento da divisão com que se defrontava o país, em função da posse de Kubitscheck, este soube apaziguar os espíritos. Em seu governo ainda houve rebeliões militares, que o governo derrotou mas não perseguiu os revoltosos nem lhes atribuiu maior importância.

O país iria ser conquistado para um grandioso projeto de modernização econômica. O governo lançou o chamado Programa de Metas que se destinava, em primeiro lugar, a implantar no país infra-estrutura energética e de transportes. Neste particular, a grande novidade consistia em atribuir prioridade ao sistema rodoviário. Grandes eixos de estradas de rodagem foram construídos, em conseqüência do que estruturou-se mercado único. Até então, dadas as reduzidas dimensões do sistema ferroviário, o país dependia grandemente da navegação de cabotagem, que, de fato, nunca conseguira integrar as diversas regiões. Seguiu-se a indústria de base (siderurgia, construção naval e setor de máquinas e equipamentos) e a automobilística. Metas relacionadas à alimentação e à educação completavam o programa.

Estudos da Fundação Getúlio Vargas indicam que, entre 1957 e 1960, o Brasil registra crescimento médio anual pouco abaixo de 8%.

O outro grande projeto de Kubitscheck seria a construção de Brasília. Embora seus efeitos não se tenham feito sentir de imediato, quando os governos militares conseguiram impulsionar o agro-negócio, a interiorização da Capital permitiu que a modernização dali resultante não se limitasse a São Paulo e estados do Sul, estendendo-se, de imediato, ao Triângulo Mineiro e a Goiás, mais tarde a Mato Grosso.

O governo Kubitscheck culminaria com a vigência de clima de ampla liberdade. Conseguiu fazer cessar a obsessão anti-comunista,

a pretexto da qual muita arbitrariedade se cometeu no país nos anos anteriores do denominado “interregno democrático”.

Em que pese os artifícios utilizados para a importação de equipamentos, requeridos pela industrialização em curso, sem cobertura cambial, a situação do balanço de pagamentos era periclitante. Dependia estritamente do café, dado que a pauta de exportações não se diversificara. Ao mesmo tempo, o governo não se dispunha à prática de austeridade, exigência das instituições financeiras internacionais para suprir os recursos requeridos pela manutenção do fluxo normal de importações. A inflação começa a refletir-se no bolso da população, à vista do generalizado aumento de preços. A oposição consegue atribuir o fenômeno às evidências de corrupção em órgãos públicos. Na verdade, o agigantamento do Estado, graças à intervenção em sucessivos setores econômicos seria inevitavelmente acompanhada da possibilidade de cobrança de comissões por funcionários públicos.

Configura-se, portanto, um quadro desfavorável ao governo nas eleições de outubro de 1960. Lançado candidato pela União Democrática Nacional, o governador de São Paulo, Jânio Quadros, conduz uma campanha muito bem feita, adotando uma vassoura como símbolo, instrumento com base no qual efetivará a imprescindível “limpeza” do aparelho estatal, pondo a correr o aumento do custo de vida. Alcançaria uma vitória esmagadora. O desdobramento do quadro é conhecido: renúncia de Jânio Quadros em agosto de 1961; posse tumultuada do vice (João Goulart), isolamento do governo Goulart que culmina com o movimento militar de março de 1964.

Kubitscheck elegeu-se senador por Goiás nas eleições parlamentares extraordinárias realizadas em junho de 1961. Na crise que antecedeu o movimento de março de 64 intercedeu junto a Goulart no sentido de preservar a legalidade, atuando o Presidente, de modo claro, para restaurar a hierarquia militar, que estava sendo francamente violada. Ao que parece, contudo, Goulart subestimou a gravidade da situação e persistiu no erro, sendo deposto.

Juscelino Kubitscheck tornar-se-ia vítima da repressão desencadeada pelos militares. A 8 de junho de 1964 teve o mandato cassado, acrescido da perda de direitos políticos por dez anos, exilando-se na Europa. Regressou em outubro de 1965 quando se dá novo endurecimento do regime, com a dissolução dos partidos políticos e adoção do bipartidarismo. Novamente perseguido, no mês seguinte, Kubitscheck mais uma vez afasta-se do país para somente regressar em 1967. Nessa altura, o próprio Carlos Lacerda e outros ex-dirigentes udenistas empenhavam-se na constituição do que se chamou de Frente Ampla, de composição civil, com vistas ao afastamento dos militares do poder, movimento que passa a contar com o apoio de Kubitscheck. Contudo, o Ato Institucional número 5 (dezembro de 1968), iria de fato introduzir no Brasil uma

ditadura repressiva, que entre outras arbitrariedades, decreta a ilegalidade da Frente Ampla. O próprio Carlos Lacerda é encarcerado. Kubitscheck decide-se então por abandonar em definitivo qualquer tipo de atuação política.

Juscelino Kubitscheck faleceu em acidente de automóvel em agosto de 1976 pouco antes de completar 74 anos de idade. Nessa altura estava no poder o General Ernesto Geisel, empenhado no que ele mesmo denominaria de “abertura lenta e gradual”. Numa demonstração clara de que o seu projeto era para valer, decreta luto oficial por três dias, primeira homenagem que os militares prestariam a uma personalidade importante de nossa história a que haviam injustamente perseguido.